

RESENHA

Prefácio

Um testemunho quase perdido dos campos de trabalho escravo nazis para judeusIRENE FLUNSER PIMENTEL
(UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA)

PIMENTEL, Irene.

Prefácio. In: Debreczeni, József. *Crematório Frio – Memórias do Território de Auschwitz*. Tradução de Paulo Tavares e Sara M. Felício. Lisboa: Temas e Debates, 2024.

De difícil leitura, este livro é muito bem escrito e narrado em húngaro, à maneira de um repórter-jornalista, profissão do autor quando, por ser judeu, foi arrastado para a Shoá. Primeiro encarcerado durante três anos pelo governo antissemita húngaro no campo de trabalho de Topolya, na Jugoslávia ocupada pela Hungria, József Debreczeni, poeta e jornalista, foi deportado pelos nazis

para Auschwitz, onde chegou em 1 de maio de 1944, num dos dois transportes iniciais de judeus húngaros. É um relato difícil de ler, não devido à densidade, mas ao horror que perpassa pelo texto, em que o autor descreve mais de um ano de terrível encarceramento em três campos de trabalho escravo nazis para judeus.

Confidencio que tive frequentemente de parar a leitura, devido à terrível experiência de ler o que seres humanos fizeram (e fazem) a outros seres humanos. E, no entanto, esta obra-prima fundamental esteve quase perdida durante 70 anos, até ser dada ao prelo, traduzida em 15 línguas, entre as quais a portuguesa. Como refere Alexan-

der Bruner, sobrinho de Debreczeni, no Posfácio, o seu testemunho, publicado em húngaro em 1950, nunca foi traduzido em língua inglesa, apesar dos esforços do irmão do autor, diplomata em Washington. Estava-se em plena Guerra Fria, numa época de anticomunismo e antissemitismo, na vigência do macarthismo, e o livro termina não só com a libertação pelos soviéticos mas com “A internacional” a ser cantada por todos.

Tal como Primo Levi, József Debreczeni teve a “sorte” de sobreviver, por estarem ambos na “enfermaria-hospital”, ao serem libertados pelas tropas soviéticas: o primeiro, de Auschwitz, em 27 de janeiro de 1945, e, o segundo, de Dörnhau, em maio do mesmo ano. Ambos tinham chegado a Auschwitz-Birkenau em meados de 1944, em bom estado de saúde e, por isso, na “seleção” de que foram alvo à chegada seriam conduzidos para a fila da direita, a dos que iriam trabalhar forçosamente até à morte, em vez de para a fila da esquerda, destinada a mulheres, crianças, idosos e doentes, que eram diretamente conduzidos às câmaras de gás. Tanto Levi como Debreczeni viriam a adoecer gravemente e foram deixados a morrer na chamada “enfermaria” ou “hospital”. Por isso, nenhum deles participou nas designadas “marchas da morte”, como se verá.

O autor situa o seu relato no “território” ou no “país” de Auschwitz-Birkenau, onde escapou por duas vezes à morte imediata: ao ser escolhido para a “boa” fila e, mais tarde, ao “escolher” fazer a pé os dez quilómetros até ao campo de concentração de Auschwitz I, em vez de seguir a camioneta, como “sugeriam” os elementos das SS. Também essa viatura ia diretamente para as câmaras de gás. A “escolha sem escolha” que fez condenava-o à morte lenta, de fome, frio e exaustão pelo trabalho, mas sobreviveria *in extremis* no “Crematório Frio” do “hospital-campo”, onde os prisioneiros demasiado fracos para trabalhar esperavam a morte.

O destino terrível dos judeus húngaros, em que se incluiu o autor, foi uma tragédia que ocorreu já a guerra estava perdida para os nazis no verão de 1944, em vésperas da vitória aliada. Como noutros países da Europa Central, na Hungria, aliada da Alemanha, tinham sido adotadas, entre 1938 e 1941, medidas antissemitas, incluindo as provisões raciais das leis nazis de Nuremberga de 1935, e até uma lei “original” húngara – a imposição de serviços de trabalho forçado aos judeus em idade militar. Mas, enquanto os judeus das áreas controladas e ocupadas pela Alemanha estavam a ser aniquilados, perto de 825 mil judeus continuaram a viver na Hungria até março de 1944. É certo que as autoridades húngaras os perseguiram e que cerca de 60 mil judeus na Hungria perderam a vida antes da invasão alemã do país. Contaram-se entre estes 42 mil judeus trabalhadores forçados, mortos na Ucrânia e na Sérvia, perto de 18 mil judeus “estrangeiros” e quase mil, assassinados na área de Bačka.

Ao ser informado de que o governo do primeiro-ministro húngaro Miklós Kállay encetara negociações na Itália e na Turquia com os Aliados ocidentais para assinar uma paz separada, Hitler decidiu ocupar a Hungria, até então sua aliada, em 19 de março de 1944. A sorte do último grande grupo de judeus sobreviventes da Europa ficou assim selada. Ao ocupar a Hungria, a Alemanha permitiu ao regente húngaro, Horthy, a permanência no país, mas o chefe do governo Miklós Kállay, acusado de negociações com os Aliados, foi demitido e substituído na chefia do governo por um pró-nazi, o general Döme Sztójay.

Este assegurou a continuação da Hungria ao lado da Alemanha e cooperou com todos os esforços desta para deportar os judeus. Com a chegada do *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann e do seu *Sondereinsatzkommando* no próprio dia 19 de março a Budapeste, foi de imediato organizado o plano nazi de deportação dos judeus húngaros. A

comunidade judaica húngara foi sujeita ao maior e mais concentrado processo de destruição num curto lapso de tempo. No final de março, os judeus foram obrigados a usar a estrela amarela, o que viria a facilitar depois a sua captura e deportação.

Em abril de 1944, as autoridades húngaras ordenaram aos cerca de 437 mil judeus da província, que viviam fora de Budapeste, a concentração em certas cidades onde foram encarcerados em guetos até serem deportados para Auschwitz ou para a fronteira austríaca, para cavar trincheiras fortificadas. O primeiro transporte de judeus húngaros com destino a Auschwitz-Birkenau partiu em 29 de abril de Kistarcsa, perto de Budapeste, com 1800 homens e mulheres entre os 16 e os 50 anos, considerados aptos para o trabalho.

József Debreczeni (1905-1978) esteve no segundo transporte, que saiu a 30 de abril do campo de trabalho de Topolya, na Jugoslávia ocupada pela Hungria, com cerca de duas mil pessoas. A sua família de judeus de língua húngara fugira de Budapeste em 1919 para a região vizinha de Voivodina, na então Sérvia, mas tanto os seus pais como a sua mulher, Lenke, viriam a ser mortos à chegada a Birkenau. Embora já não muito novo, com 39 anos, como estivesse ainda saudável, o narrador foi enviado para o campo de concentração, descrevendo a sua chegada em 1 de maio de 1944 à chamada velha rampa de judeus (*Alte Judenrampe*), entre os campos de Auschwitz e Birkenau.

Hoje sabe-se que, após a “seleção” de que o seu grupo e o anterior foram alvo, 486 homens e 616 mulheres foram registados no campo e 2698 assassinados à chegada, nas câmaras de gás. Como a administração nazi de Birkenau considerou não ter capacidade logística para as planeadas futuras deportações em massa da Hungria, os transportes pararam provisoriamente até ser construída uma nova rampa ferroviária de chegada, em Birkenau. Por isso, apenas em 14 de maio se iniciaria a principal fase de deportações de judeus húngaros, que

durou até 9 de julho de 1944, com a chegada diária de três a dez transportes, cada um com cerca de três mil a quatro mil judeus. Chegaram ao todo 147 comboios a Auschwitz-Birkenau e 394 mil judeus foram imediatamente assassinados. Em final de julho, já só restavam em Budapeste 230 mil, dezenas de milhares dos quais estavam nos batalhões de trabalhos forçados junto das Forças Armadas da Hungria, a aguardar destino posterior. Após uma paragem no verão, as deportações, agora dos judeus da capital húngara, recomeçaram em outubro.

Ao descrever a sua chegada a Birkenau, no transporte escoltado por uniformes verdes, provavelmente da polícia de segurança nazi (*Sicherheitspolizei*, SIPO), o autor lembra a extraordinária metamorfose de pessoas em animais que então ocorria na Europa do Leste. A hierarquia montada pelos nazis começava logo no comboio, onde nomeavam um *Wagenälteste* (“o mais velho do vagão”), e prosseguia depois em todos os campos de trabalho escravo onde o autor foi encarcerado. Se este descreve e nomeia os inúmeros prisioneiros que faziam parte da aristocracia e da hierarquia dos campos prisionais de trabalho, o que ressalta é a quase ausência dos raramente referidos membros das SS, da polícia nazi (SIPO e SD [*Sicherheitsdienst*]) ou da *Wehrmacht*. Figuras sem nome, estes são apenas descritos em termos de grupos de uniformes que se distinguem pela cor, verde ou cinzenta.

Efetivamente, os nazis “delegaram” a guarda, o funcionamento e a disciplina dos presos nos campos noutros prisioneiros mais antigos. Por isso, o narrador assistiu desde logo ao espancamento de uns escravos prisioneiros por outros, sendo estes últimos os *Kapos* polacos não judeus, que haviam sido os primeiros a chegar a Auschwitz I. Com argúcia, József Debreczeni lembra que, tal como em situação colonial, “em todos os outros campos, também aqui a maioria da aristocr

racia era composta pelos primeiros habitantes”. O primeiro movimento à chegada dos comboios à rampa de Birkenau era privar das malas e de toda a propriedade os recém-chegados, que eram depois desapossados da roupa e “tosquiados” da cabeça aos pés por barbeiros-prisioneiros, antes de entrarem no duche.

A mesma sequência era reservada aos da fila da esquerda, para os quais o duche era o *Zyklon B* das câmaras de gás. Assim se privava milhões da sua roupa, da sua identidade, do seu nome e da sua humanidade, pelo que o próprio narrador se questionou: como provarei eu doravante quem sou? De forma irónica, o autor “felicit” os nazis por tão bem saberem privar seres humanos de tudo: “não voltaremos a ver as malas que deixámos junto às carruagens. Esta também é a forma de agir dos nazis: é muito mais fácil afastar uma pessoa de suas posses do que levar as posses de uma pessoa.” Embora József comece por pensar ter sido enviado para o “Território de Auschwitz”, sem se aperceber, ficou na realidade adstrito a outro campo de trabalho escravo para judeus da região: o de Gross-Rosen, em cuja linha de montagem de trabalhadores escravos foi colocado.

Após nova viagem de comboio a Auschwitz, durante dias, o grupo no qual o narrador foi incluído é transportado para a Baixa Silésia, região de pedreiras e de minas de carvão. O primeiro local de trabalho escravos para judeus aonde chegou, nas montanhas de Eule, era um dos 77 subcampos do campo de concentração de Gross-Rosen-*Rogoźnica*. Estabelecido na região montanhosa da Baixa Silésia em agosto de 1940, inicialmente um subcampo adstrito ao de Sachsenhausen, o de Gross-Rosen ganhou a sua independência em 1 de maio de 1941. Ao expandir-se em novos subcampos, recebeu a força de trabalho escravo de prisioneiros checos, franceses, eslovacos, ciganos *roma*, belgas, russos, jugoslavos, húngaros, alemães e italianos étnicos, milhares dos quais

transferidos de Auschwitz, empregues nas indústrias têxtil, de construção e de defesa.

O narrador passou por três dos subcampos de Gross-Rosen – Eule, Fürstenstein (minas) e Dörnhau –, todos integrados no chamado *Projekt Riese* (“Projeto Gigante”), primeiro administrado pela Organisation Todt (OT), a grande empresa de engenharia civil e militar com o nome do seu fundador. Tratou-se do engenheiro Fritz Todt, membro sénior do partido nazi, nomeado, após a invasão da Polónia, ministro do Armamento e das Munções, cargo que exerceu entre 1940 e fevereiro de 1942, quando morreu num desastre de avião. Sucedeu a Todt, até 1945, Albert Speer, que absorveu a OT no seu Ministério do Reich de Armamento e Produção de Guerra, que teria ao seu serviço 1,4 milhões de trabalhadores, a maior parte dos quais prisioneiros de guerra e judeus, tratados como escravos. O *Projekt Riese* foi abandonado no seu início e apenas foram construídos nove quilómetros de túneis pelas empresas Baugeellschaft Urban AG e Kemna AG.

Algumas fontes alemãs sugeriram que os trabalhos levados a cabo tanto em Eule como no castelo de Fürstenstein se prenderam com a edificação de estruturas de um futuro quartel-general pra Hitler, em combinação com a indústria de construção e armamento. Os túneis que estavam a ser construídos nas montanhas de Eule, empregando trabalhadores escravos como o narrador, foram planeados para abrigarem fábricas subterrâneas e campos coletivos (*Gemeinschaftslager*) para trabalhadores forçados judeus. Sob a batuta de especialistas civis alemães, ucranianos, italianos e checos, os escravos judeus eram vendidos pelas SS a empresas alemãs para trabalhos, com objetivos secretos, numa rede de estradas, pontes e linhas férreas a partir de 1944, na zona montanhosa do sudoeste da Polónia.

Foi aí que os nazis abriram 13 campos de trabalho, *Arbeitslager* (AL), para onde os prisioneiros, todos judeus, e muitos húngaros, foram transferidos de Auschwitz. Registados nesses campos estiveram 8995 prisioneiros, 4900 dos quais terão morrido, o que revela uma mortalidade muito elevada devido a doença, malnutrição, exaustão, maus-tratos pelos guardas alemães e acidentes nos subterrâneos. Num mundo como aquele criado pelos nazis, ninguém era herói, como já Primo Levi nos tinha relatado, ao descrever a imensa zona cinzenta dos campos de trabalho escravo onde esteve. Não existia qualquer solidariedade, apenas hierarquia, luta pela vida, pelo pão e pela nicotina.

Os prisioneiros acordavam às 4 da manhã, ficavam horas de pé na primeira *Appell* (chamada) e, a partir das 5 horas, trabalhavam até às 18, culminando a chegada ao campo com uma nova e terrível *Appell*. Estavam assim de pé durante 17 horas, com uma dieta diminuta, calculada cientificamente por especialistas alemães, suficiente para permitir o trabalho durante meses sem morrer à fome. Várias vezes o autor reflete sobre a justiça retributiva futura de que os algozes nazis deveriam ser alvo, ciente de que estes gozavam da cumplicidade dos 80 milhões de alemães.

No campo, cheio com três mil pessoas, os 20 gramas de pão recebidos inicialmente para se manterem em vida diminuíram depois drasticamente para um quinto, ao mesmo tempo que os piolhos aumentavam. Enquanto isso, os membros das SS e os prisioneiros no topo da hierarquia acumulavam tesouros como os dentes de ouro extraídos aos mortos. Quatro quintos dos residentes do campo de Eule trabalhavam debaixo de terra para as empresas Kemna e Urban. O trabalho extenuante e a incessante luta por comer, descansar e fumar, no caso dos fumadores como o narrador, só a dado momento são interrompidos por reuniões de análise política e de resistência, incentivadas por um oficial checo.

No entanto, quando planeavam obter armas, o narrador é transferido, numa lista de dois mil prisioneiros, para outro local. Com comida para dois dias, imediatamente engolida, escoltados por SS e elementos da Organização Todt, os prisioneiros chegam ao campo do Scholoss (castelo) Fürstentein (Książ, em polaco) no dia 6 de junho de 1944, sem saberem que os aliados ocidentais tinham desembarcado na Normandia. Ocupados em 1944 pelos nazis, 12 anos depois de o seu proprietário, o conde Hans Heinrich XVII de Hochberg, príncipe Pless, se ter mudado para Londres e se naturalizado britânico, o castelo e um complexo de outros edifícios eram supervisionados por pessoal das SS e da Organização Todt, destinando-se presumivelmente a serem o futuro quartel-general e a última morada de Hitler.

Foi isso que pensou József Debreczeni, de novo metido em tendas, desta vez num campo com seis mil prisioneiros onde havia um único médico, Katz, sem doentes, e um paramédico das SS, *Bul-dogue*, que apenas autorizava o internamento na enfermaria de dez a 15 enfermos. A doenças como a disenteria e a pneumonia acrescentava-se um novo horror – o inchaço do corpo debaixo da pele, provocado pelo edema da fome. Felizmente, o *Kapo* é um bandido húngaro, Sanyi Róth, que protege o narrador ao saber que ele era jornalista. Avisa-o que morrerá em duas semanas se continuar a trabalhar nos subterrâneos, mas József Debreczeni consegue mudar para a companhia Pischl, que opera no próprio castelo.

Ao trabalhar e viver acima do chão, o narrador desiste de trocar pão por beatas de cigarro, tornando-se inventivo para roubar batatas. No entanto, em 13 de dezembro, entram na sua tenda as SS e Katz, o prisioneiro-médico do campo, que pede quatro voluntários de cada tenda para perfarzerem 400 trabalhadores escravos a serem transferidos. József oferece-se, mesmo não sabendo se o destino é Birkenau, e de camioneta chega ao

terceiro e derradeiro subcampo-“hospital” de Dörnhau. Este tinha acabado de ser instalado numa antiga fábrica de dois pisos, um dos quais destinado a trabalhadores escravos ainda saudáveis, colocados a trabalhar no abate de árvores da floresta, na construção de estradas e da linha férrea ao lado de Kolce, parte do *Führerhauptquartiere* (Quartel-General do *Führer*) *Riese/Rüdiger*.

Não era o caso de József Debreczeni, imediatamente internado, todo nu, no rés do chão do “hospital” desse novo local para moribundos, com um corpo de 70 médicos, dois dos quais dentistas especializados em dentes de ouro, para cinco mil presos. Segundo um estudo realizado por um prisioneiro-médico, entre 18 de março e 22 de maio de 1945 morreram ali 992 prisioneiros, o que dá uma média de 15 a 16 mortes diárias. Sem quaisquer medicamentos, os médicos apenas podiam receitar a estadia na cama, numa morte lenta. O mesmo prisioneiro-médico contabilizou que 11 dos 911 casos que observou em Dörnhau morreram no próprio dia em que foram admitidos e outros 113 (i.e., 12,4%) faleceram no decurso de dez dias seguintes. As causas da morte foram, em primeiro lugar, ataque cardíaco com fraqueza física geral, que atingiu 486 (53,4%) dos casos, seguido por insuficiência cardíaca, com tuberculose pulmonar em 123 (13,5%).

Sem escapar à habitual hierarquia labiríntica e patológica nazi desse campo, o autor refere quatro categorias de prisioneiros privilegiados, entre os quais se contam os trabalhadores da cozinha, mas há dois soberanos que nunca se deixam ver: o médico-chefe e o *Lagerälteste* (o chefe máximo do campo). O narrador descreve o horror desse *crematorium* frio, onde dormem cinco prisioneiros em cada catre, até morrerem. Todas as manhãs, os guardas chamam: “Comuniquem os mortos!” Com sentido de humor, alguns dizem: “Comunica se estiveres morto!” Quando alguém morre é sentado na cama pelos companheiros, que ficam com a ra-

ção de pão que caberia ao morto. Quanto à roupa, se existir, é herdada, segundo a lei do campo, pelo preso mais próximo, mas as hienas acumulam-se à volta de cada cadáver que é preciso despir.

Numa única noite, morreram no rés do chão hospitalar onde József Debreczeni estava internado 200 dos 600 doentes. Ele próprio foi contagiado pelo tifo e teve de ir para o andar superior, de quarentena. No campo, por trás do arame farpado onde estão os moribundos e os poucos trabalhadores escravos ainda saudáveis, desapareceram entretanto os uniformes verdes da *Wehrmacht* e da SIPO, substituídos pelos cinzentos das SS. Em geral, os prisioneiros apenas querem sobreviver e regressar aos seus países e famílias, mas só com muito boa vontade, segundo o narrador, se pode chamar companheirismo ao contacto de vizinhança entre quatro ou cinco catres.

Os gregos e polacos parecem não ter emoções e raramente falam entre eles, apesar de haver muitos pais e filhos. Mas a estratégia de Hitler consegue o impossível, ao penetrar “nos instintos primordiais dos laços de sangue” e conseguir rompê-los: pais e filhos lutam por um bocado de comida e um filho de 13 anos deixa de visitar o pai moribundo, dizendo que de qualquer forma todos ali iriam morrer. Os membros das SS já nem apareciam para lá do arame farpado, e o último dia de 1944 e o primeiro de 1945 chegam, sem sopa.

À noite, o campo é evacuado de todos os que ainda andam, mesmo doentes. Pela segunda vez, os alemães remetem para os líderes prisioneiros a escolha dos que vão ser transferidos nas “marchas da morte” para oeste, para os campos de concentração de Mauthausen e Flossenbürg. Dessa forma, os nazis procuraram esconder os seus crimes. É, de novo, uma “escolha sem escolha” – ficar ou partir. Mesmo assim, cerca de dois mil homens atravessam o arame farpado, mas os elementos das SS já não dão ordens.

Demasiado doente, tal como Primo Levi em Auschwitz, liberado pelos soviéticos em 27 de janeiro de 1945, József permanece em Dörnhau até maio de 1945. O edifício-campo-“hospital” tornou-se ele próprio uma estação de passagem da estrada de evacuação. Milhares de presos, “os privilegiados”, chegam de outros campos de Gross-Rosen, Kaltwasser, Wüstegiersdorf, juntamente com novos carrascos, novos *Kapos*, *Blockältesten* e médicos, mas os mortos já não são registados. De um campo de mulheres saem as prisioneiras, lembrando algo de que já nenhum dos homens se lembra: a vida sexual.

Surgem também aqueles que tinham recebido a ocupação alemã com flores, os que apontavam aos nazis as casas dos judeus e dos sérvios. O narrador reflete sobre todos aqueles seres humanos que viraram a cara ao tomarem conhecimento da primeira lei antissemita, e que, à segunda lei, se sentaram nas casas de judeus, separando as famílias. Aqueles que certificaram que os judeus eram menos do que um animal, que destruíram a dignidade humana com a qual nasceram, na porcária que cobria tudo por ali. No dia 3, os prisioneiros-trabalhadores da cozinha esperam, como habitualmente, que os elementos das SS abram a porta. Empurrando-a, veem que está aberta e que os SS fugiram.

Os aposentos destes são invadidos por prisioneiros, no meio do caos, mas mesmo então não há solidariedade. Durante anos, os presos não tiveram nada de pessoal e aproveitam agora para recolher objetos sem nenhum interesse, surgindo uma nova aristocracia, efémera, entre os que participam no saque. József Debreczeni conclui que os nazis não são só assassinos, mas também covardes, e assinala a grande mentira dos que afirmavam nada ter sabido da deportação de milhões de seres humanos. Surgem os primeiros soldados soviéticos e entre eles uma mulher que se choca com a visão dos prisioneiros. Embora a liberdade exista mesmo em silêncio, canta-se “A Internacional”.

Epílogo

Este livro, *Crematório Frio – Memória do Território de Auschwitz*, é um testemunho dos campos de trabalho escravo nazi que, na sua maior parte, desapareceram da memória (e da História), bem como geograficamente. Por isso, cinco cientistas da Faculdade de Geodesia e Cartografia da Universidade de Tecnologia de Varsóvia levaram a cabo um estudo, publicado em 2000. Intitulado *Forgotten Nazi Forced Labour Camps: Arbeitslager Riese (Lowe Silesia, SE Poland) and the Use of Archival Aerial Photography and Contemporary LiDAR and Ground Truth Data to Identify and Delineate Camp Areas* (<https://www.mdpi.com/2072-4292/12/11/1802>), o trabalho propôs-se tentar localizar os cinco campos auxiliares de trabalho para judeus que em conjunto formaram o *Arbeitslager Riese* (AL Riese).

Os autores concluíram que a área montanhosa de Eule e do castelo de Fürstenstein (ou *Książ*) se deveriam transformar no *Führerhauptquartiere Riese/Rüdiger*, isto é, no quartel-general central do próprio Adolf Hitler e dos principais generais da *Wehrmacht*. Outras interpretações levam, contudo, a pensar que o complexo “gigante” (*Riese*) se deveria transformar em abrigo aéreo, pois muitas fábricas de guerra foram para aí realocizadas, a maior parte das quais produzindo equipamentos para a *Luftwaffe* (Força Aérea alemã). Outras fontes indicam que a região também deveria servir para guardar os objetos saqueados pelos nazis.

O *Projekt Riese* incluía a criação de seis construções, tanto subterrâneas como acima do chão, e não há dúvidas de que a obra seria levada a cabo por trabalhadores escravos provenientes do campo de concentração de Gross-Rosen. O estudo analisou também a localização do *Arbeitslager Riese* de Dörnhau, estabelecido em junho de 1944, o que significa que József Debreczeni e outros inauguraram esse campo de trabalho e que ele terá feito parte dos 250 prisioneiros para lá enviados, nesse mês e em julho. O edifício também ser-

viu de enfermaria central para prisioneiros doentes (*Zentralrevier*), erradamente chamada hospital. Dörnhau foi libertado pelas tropas soviéticas em 8 de maio de 1945. ●